

Editorial

Julia Naidin*

A presente proposta editorial consiste em um registo contundente da cena do pensamento crítico e filosófico da América Latina, sobretudo no âmbito acadêmico brasileiro, em diferentes núcleos de pesquisa em Filosofia Contemporânea. Nas últimas décadas, a relevância da questão do “pensamento pós/decolonial” no campo das artes plásticas, do cinema, da literatura e da filosofia se articula com um debate mais geral sobre as relações e tensões entre a reflexão biopolítica e a imaginação estética e cultural nos enquadramentos políticos. Por um lado, a reflexão sobre a gestão biopolítica da vida e das populações ilumina uma nova instabilidade nas concepções do vivente, nos limites da concepção eurocêntrica do humano/não-humano, mobilizando criticamente as marcações e as mobilizações entre essas divisões, que incluem problemas de gênero, de raça e de classe. Por outro, a questão da biopolítica põe em jogo a própria definição de “cultura”, na medida em que esta tem sido utilizada como ferramenta para identificar o propriamente humano na normalidade, a partir do padrão de distinção entre normal e desviante, na produção das vidas legítimas a proteger, e as “vidas a abandonar”, a deixar morrer —a expressão viva do biopoder.

Propomos uma publicação composta por colaboradores de diferentes níveis acadêmicos, diversos campos de atuação e de militância e com perspectivas sobre a América Latina em diálogo. Tal circunstância não é, em absoluto, casual, mas corresponde a uma escolha intencional bastante significativa. A intensificação dos esforços de uma produção de narrativa latino-americana depende também do esforço de nossos pesquisadores, professores e alunos em transitar entre as diferenças

* Julia Naidin, doutora em Filosofia UFRJ - Laboratório de Filosofia Contemporânea. Professora de Filosofia no coletivo PreparaNem. www.casaduna.org



internas de seus departamentos, de metodologias e de agremiações. O campo de trabalho em que a presente proposta se encontra é o da pesquisa e da produção cultural nos âmbitos acadêmico e micropolítico.

Assim, este editorial se insere em uma proposta de análise a partir da articulação entre enquadramentos culturais, em torno de discursos que produzem intervenções políticas em um contexto de microgestão e de macrovigilância. Ainda que dialoguemos com um referencial teórico francês, a base desta pesquisa é confrontada e ampliada a partir de movimentos insurgentes na virada do último século, em decorrência das radicais transformações geopolíticas dos abusos de poder da Razão de Estado, em diferentes modos e possibilidades de desdobramentos do pensamento pós-colonial. Nas fronteiras geopoliticamente estabelecidas dos saberes, dos visíveis, dos enunciáveis, dos modos de comportamento toleráveis e dos extermináveis, o exercício crítico se apresenta como o gesto de identificar o presente no que emerge de dissidente, em uma determinada configuração, seja como ato crítico, seja como impossibilidade absoluta.

A ideia de fronteira é especialmente interessante nesse contexto. Uma pesquisa acadêmica com os critérios e as necessárias legitimidades do trabalho analítico conceitual deve ser capaz de dialogar com lógicas de pensamento e de produção que se abrem a seu próprio esfacelamento fronteiro. Quando se rescindem as fronteiras legitimadas dos saberes, dos visíveis, dos enunciáveis e dos modos de comportamento toleráveis em cada tempo, o exercício filosófico se manifesta como uma prática de criar rupturas nas próprias condições de possibilidade dos segmentos da produção da verdade e do poder.

Fora dos limites da antropologia do pós-kantismo, como a busca por uma ruptura com “o que foi feito de si”, propomos, ao invés, uma outra relação com a dinâmica dos referenciais presumidos no próprio conceito de homem. Isto, em um movimento que nos permita expandir e complexificar a noção de resistência, mas também, mais amplamente, a própria noção de política, de modo a conceber uma forma de

resistência cuja meta é conquistar uma democracia que não seja somente política, mas que seja também econômica, social e cultural, para além dos lugares das esquerdas “tradicionais” da América Latina. Pensar o bio-poder e seu conceito complementar, a biopolítica, na contemporaneidade são tarefas que pedem a intempestividade de saber trabalhar sobre a história do pensamento, e ver os limites e as possibilidades que ela nos apresenta e nos exige.

Desse modo, o diálogo com uma antropologia filosófica, pós-Primo Levi¹, é o ponto de partida para uma reflexão sobre diferentes possibilidades de narrativa do humano desde um referencial não eurocêntrico. Isto é, perguntar-se pelos limites do ser do humano já desvinculados da crise da monoracionalidade europeia – ocidental, cristã, capitalista, democrática, de modo que se apresentem linhas de narrativa alternativas. A transativista Suzy Shok², em uma de suas performances mais brilhantes, legitima seu “direito vital de ser monstro” em um universo narrativo que usa outros artifícios para a criação de uma estética da vida e de crítica aos humanismos tradicionais. Dentro de um contexto político complexo como o do Brasil, o “fazer filosofia” não escapa a colonialidade, desde a luta por suas próprias referências epistêmicas.

Trabalhamos com uma série de referências no pensamento contemporâneo que apontam a própria existência como dispositivo de criação, que submete os significantes de seu tempo a novas relações com suas antigas organizações semânticas e com os limites do possível, do intolerável, do normal e do anormal nas contingências das forças em jogo. Usamos como inspiração de trabalho os movimentos coletivos, literários, artísticos e políticos, que põem em cheque as fronteiras micropolíticas, a partir de seus lugares e das heterotopias que criam em seu contexto político.

¹ Este é um referencial poético e conceitual de um esgotamento de referências em experiências limites da racionalidade, como vemos em autores como Foucault, Agamben, Arendt, a denúncia da expressão mais acabada do funcionamento do poder moderno.

² Suzy Shok, atriz, escritora, cantora e professora nascida na Argentina, em 1968. Apresenta-se como “artista trans, sudaca” milita e atua em produção de cultura e de crítica biopolítica às matrizes e valores das normatizações na sociedade argentina contemporânea.

Concebe-se tal empreendimento como parte de uma redescritção das condições teóricas contemporâneas, na tensão entre o jogo político e a criação estética de outros modos de vida e de resistência. Assim, a proposta básica desta publicação versa sobre a articulação interdisciplinar dessas duas perspectivas – o biopoder como modo de gestão política e as emergências estético-políticas como possibilidades insurgentes em um determinado contexto de criação de narrativa.

O trabalho e o papel da Universidade, bem como do estabelecimento das práticas políticas e artísticas legitimadas em um país como o Brasil, é um movimento indissociável de uma crítica às reproduções de violência e segregação em um contexto social tão fortemente demarcado. Portanto, a proposta de busca dessas narrativas parte também de análises que dialoguem com um outro referencial teórico, e se apresenta sempre no desafio da condição de uma contra-história, de vidas e existências que se formam *apesar* do poder, em um necessário entre-campos e interdisciplinaridades.

Nos últimos cinquenta anos, sobretudo após a consolidação do conceitual pós-estruturalista no Brasil, o olhar sobre a experiência política na América Latina passou a ser relido sob diferentes perspectivas, e identificado a partir de outras epistemes e matrizes normativas. Apresentam-se modos pelos quais a monstruosidade, a animalidade, a espectralidade abrem espaço para vermos vidas que confrontam os marcadores que designam o humano e o não humano, vidas que irrompem e transitam entre essas marcações. Acreditamos na potência de um editorial que priorize as dobras e as disfunções que as diferenciações nos modos de vida podem iluminar, e que fortaleça a produção intelectual latino-americana, em sua originalidade e radicalidade.